



Coleção
Raízes do Futuro

12

COMUNIDADE DO ESCRIVÃO

DIOGO DE VASCONCELOS - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

Ana Maria da Silva Leite, Joaquim Norberto dos Santos, Joaquim Rezende dos Santos, Maria Auxiliadora dos Santos, Maria do Carmo da Silva Santos, Maria do Rosário da Cunha e Silva, Maria José da Silva Abreu.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE DO ESCRIVÃO

DIOGO DE VASCONCELOS - MG

Localização da Comunidade

A comunidade do Escrivão está localizada a 5 km da sede do município de Diogo de Vasconcelos, em Minas Gerais. É composta por 55 famílias, em sua maioria composta por idosos. A área da comunidade e seus arredores inclui os sítios Andrade, Quintão, Mingote, Estiva, Três Ranchos, Soares, Buraco dos Caldeirões, Carvalhães e Água Limpa. Os nomes desses sítios derivam dos sobrenomes dos proprietários ou de pessoas que tiveram destaque na história local.



■ História

A comunidade do Escrivão nasceu da fé e da generosidade de um casal: Geraldo Mafaldo e Dona Chiquinha. Foram eles que doaram o terreno para a construção da capela dedicada a São Geraldo, santo de quem eram grandes devotos. A partir dessa doação, a capela tornou-se um ponto de encontro para celebrações, rezas e confraternizações.



■ Interior da Capela São Geraldo

Nas memórias dos mais antigos, como nos relatos sobre Geraldo Mafaldo dos Santos - conhecido como Geraldo Colô-nha - e sua esposa, Francisca Duarte Pinto, a Dona Chiquinha,

o Escrivão era um lugar de trabalho árduo e vida simples. O casal morava ali mesmo, em terras herdadas dos pais, e se sustentava da roça. Homem simples e trabalhador, Geraldo possuía muitos burros usados para carregar colheitas de milho, arroz, feijão, cana e outros produtos. Também apanhava lenha para cozinhar. Generoso, ajudava os vizinhos e cobrava pouco pelo transporte das colheitas. Além do trabalho, cultivava a fé: todo dia 27 reunia a família e os moradores para rezar a Hora Santa, um momento de espiritualidade e união. Geraldo faleceu em 19 de março de 1994, e Dona Chiquinha, em 11 de janeiro do mesmo ano.

Ainda segundo essas lembranças, as reuniões de oração aconteciam nas casas dos vizinhos, onde passavam uma hora rezando e, em seguida, colocavam a conversa em dia. Em agosto, ocorria a novena do Padre Arlindo, que percorria a comunidade de casa em casa. Após as rezas, sempre havia um lanche com café de garrafa, broa e biscoito de polvilho. Uma vez por mês, também havia dança, que acontecia na casa do senhor Alvino ou do senhor Colatino, com muito forró.

As casas do Escrivão pertenciam a pessoas conhecidas e respeitadas, como os irmãos fazendeiros Pedro Colonha e Gomes Colonha. Suas fazendas viviam do trabalho nas lavouras, nas hortas e na criação de gado leiteiro. Os empregados atuavam nos engenhos das fazendas, produzindo açúcar mascavo e cachaça, e também nas plantações de cana, café e arroz nos brejos, transportando produtos e madeira com o carro de boi. A jornada era longa, começando cedo e só terminando quando o sol se punha. Havia também pessoas que trabalhavam por conta própria, como Joãozinho Dorvalina, que se dedicava à olaria, produzindo telhas e tijolos.

Há cerca de 40 anos, na fazenda de Gomes Colonha, seu filho Firmino encontrou um cachimbo que, segundo ele, poderia ter vindo do tempo dos indígenas ou dos escravizados, uma lembrança da história antiga da região.



■ Cachimbo encontrado na comunidade, possivelmente, de origem africana

Naquele tempo, os banhos eram tomados no rio e no córrego. A comunidade também se reunia para pescar, jogar bola ou truco, e, a cada fim de semana, muitos trabalhavam na olaria, produzindo tijolos e telhas, mantendo viva a rotina de trabalho e convivência da comunidade.

As pessoas mais antigas da comunidade relataram suas memórias, que juntas ajudam a compor a história do Escrivão. Muitas delas possuem laços familiares, como primos, tios e sobrinhos. A seguir, algumas histórias.

Conta-se do senhor Valdivino, que, segundo relatos, havia sido escravizado. Algumas crianças tinham medo dele, pois brincava dizendo que iria colocá-las dentro de um saco e levá-las consigo. Os vizinhos, porém, sempre ressaltavam que ele era uma boa pessoa, muito sofrida, tendo vindo de uma fazenda onde os patrões o tratavam como escravizado.

Destaca-se também a lembrança de Joaquim Mafaldo Gomes, nascido em 6 de junho de 1940, que começou a trabalhar na roça aos sete anos. Desde cedo, cuidava de porcos, lidava com burros de tropa, cozinhava com o que havia, ajudava a

madrasta a torrar café, moía cana na engenhoca e bebia café de garapa e pinga. Casou-se e teve seis filhos.

Maria Aparecida Carlos Gomes, nascida em 31 de junho de 1975, cresceu em meio à pobreza. Trabalhava muito e comia pouco; aos 12 anos já sofria de bronquite, mas precisava ajudar os pais, que tinham poucos recursos. Lavava vasilhas com cinza e areia, moía cana na engenhoca para fazer café, e vivia em uma casa de pau a pique, com paredes de barro, telhado de sapê, camas de pau e bambu e colchões de palha. Maria está viva e se considera quilombola.



■ Engenhoca de moer cana de açúcar.

Ana Lúcia Cardoso Gomes dos Santos, nascida em 30 de janeiro de 1978, também começou a trabalhar cedo, ajudando os pais a socar café e arroz no pilão, moer cana na engenhoca, buscar lenha e acompanhar o pai na roça. Sem sabão, lavava roupas com cinza e areia e lembra de dormir em colchões de palha, em uma casa de sapê.

Maria Aparecida Lucas e Silva, nascida em 25 de setembro de 1967, trabalhou na roça desde criança e caminhava longas distâncias para frequentar a escola. Socava arroz e café no

pilão, carregava milho nas costas, buscava água e moía cana na engenhoca. Só tinha tempo para brincar aos domingos, depois da missa, confeccionando bonecas de sabugo de milho ou brincando de roda. Dormia em camas de bambu com colchões de palha de milho e vivia iluminada por lampiões de querosene. Seus pais trabalhavam em troca de comida e nunca estudaram, vivendo em casas de pau a pique sobre tarimbadas de bambu. Maria também se considera quilombola e lembra do sofrimento da infância.



■ Paiol na residência de Maria do Rosário da Cunha e Silva

Geralda da Silva Santos, hoje com 81 anos, recorda que buscava feixes de lenha na cabeça, moía cana na engenhoca, socava arroz e café no pilão e lavava panelas com cinza e areia. O fogão era de barro e lenha, e a casa, de sapê, com paredes de pau a pique e barro. Alimentava-se de abóbora, inhame e café de garapa, e se divertia dançando forró e zumba, embora nunca tenha frequentado a escola. O pão era feito de angu doce com garapa.

Terezinha Eleutério, nascida em 1948, moía cana na engenhoca e enfrentava grandes dificuldades para conseguir

alimento. Socava arroz e café no pilão e criava os filhos com muito esforço, carregando lenha nas costas ou na cabeça, vivendo em uma casa de sapê.

Adão Heliotério dos Santos, também nascido em 1948, era o filho mais velho e precisava trabalhar e cuidar dos irmãos. Muitas vezes não tinha onde dormir e repousava em pé.

José Francisco, nascido em 1953, frequentou a escola apenas por seis meses. Com o apoio dos pais, que também assumiam o papel de professores, aprendeu a ler, escrever e colaborar nas tarefas de casa, carregando sacos de até 60 kg. Na juventude, trabalhou com tropa de burros, bois e na enxada.

As memórias dos moradores mais antigos do Escrivão não apenas revelam o trabalho árduo e as dificuldades enfrentadas, mas também destacam a importância da fé e da convivência comunitária. A religiosidade sempre teve papel central na vida da comunidade: rezavam o terço, faziam novenas e celebravam o Natal com muitos doces, orações e partilhas. Durante a Semana Santa, o respeito e a devoção se intensificavam, unindo os moradores em momentos de espiritualidade.

O lazer também fazia parte da rotina, equilibrando o trabalho com momentos de descontração. Aos finais de semana, havia danças, pescarias, partidas de bola e jogos de baralho. As relações com outras comunidades se fortaleciam em encontros religiosos, danças ou simples visitas para conversar e compartilhar experiências.

Outro marco importante na história do Escrivão foi a criação das primeiras escolas, localizadas nas casas das moradoras Dona Graci e Dona Gunde. Ali, as crianças estudavam até a terceira série, antes de se deslocarem para a cidade de Diogo de Vasconcelos para dar continuidade aos estudos. Esses espaços de ensino, junto às práticas religiosas e aos momentos de lazer, ajudavam a consolidar os laços comunitários e a transmitir valores de solidariedade, trabalho e fé às novas gerações.

Território

A comunidade do Escrivão é rural, com acesso por estrada de chão batido. A maioria das casas é simples, algumas próximas umas das outras e outras mais afastadas, inseridas em uma paisagem marcada por capoeiras e bambuzais. Nos quintais, há produção de leite e atividades agrícolas que sustentam as famílias.



■ Apresentação do mapa simbólico da Comunidade.

A natureza da comunidade é um aspecto importante para os moradores. As áreas de plantio e extração de alimentos e matérias-primas incluíam capoeiras, vargens, brejos e quintais. Frutas como ingá, acai e baguari eram colhidas na mata, enquanto a madeira servia para construir casas, móveis e utensílios. A água vinha das cisternas, dos córregos, de poços artesanais e, para algumas famílias, ainda de minas.

Com o tempo, práticas como o cultivo de eucalipto, o uso de capim braquiária para silagem e queimadas ou capinas com veneno transformaram bastante o cenário natural. Mesmo assim, a comunidade continua utilizando os recursos da terra de forma consciente: bambus cercam hortas, a lenha serve para cozinhar e o esterco de curral aduba as plantações.

Para preservar a terra, plantam mudas nativas e usam adubo natural de boi e galinha.

A comunidade também reconhece os impactos de certas atividades. Embora a produção de carvão gere renda, ela seca as nascentes e empobrece o solo. Hoje, a exploração da natureza nativa é controlada por multas, e muitos moradores optam por plantar eucalipto como alternativa sustentável.

Essas mudanças afetaram a produção de arroz nos brejos. Onde antes se cultivava o cereal, agora crescem pastos de braquiária para o gado. Em resposta, a comunidade se adaptou, aumentando a produção de leite, queijo, requeijão e manteiga.

No Escrivão, córregos e rios, como o Pinheirinho – ou Rio do Andrade, como é chamado pelos moradores –, ainda marcam o território. A região mantém capoeiras, bambuzais e moinhos movidos a água, que transformam milho em fubá. Carros de boi e burros de “cangaio” continuam sendo usados, principalmente para transportar lenha, combustível para fornos onde se assam carnes, bolos, rosquinhas, broas e outras quitandas tradicionais. As caminhadas pela comunidade cruzam pontes, córregos e trilhas às margens da estrada, passando por pés de manga, laranja, mamão e banana, conectando os moradores à riqueza natural e cultural do lugar.



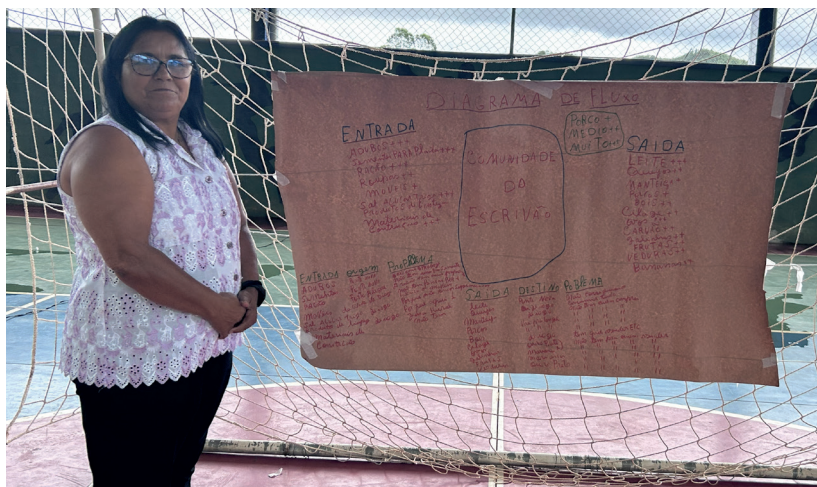
■ Plantação de bananas e paiol na comunidade de Escrivão

Economia e Sociedade

O fluxo econômico da comunidade de Escrivão se organiza entre os produtos que precisam ser adquiridos de fora e aqueles que são produzidos localmente e comercializados nas regiões vizinhas.

Como entrada, a comunidade depende de adubos, sementes para plantio, ração, roupas, móveis, sal, açúcar, trigo, produtos de limpeza e materiais de construção. Esses itens vêm principalmente de Ponte Nova, Porto Firme e Diogo Vasconcelos.

Já como saída, a comunidade produz e comercializa leite, queijo, manteiga, porcos, bois, ovos, silagem, carvão, galinhas, frutas, verduras e bananas. Esses produtos são destinados a Ponte Nova, Diogo Vasconcelos, Mariana e Ouro Preto.



■ Apresentação da atividade Diagrama de Fluxo

A dinâmica anual da Comunidade do Escrivão é marcada por práticas religiosas, produção agrícola, criação de animais e celebrações coletivas que fortalecem os laços de fé e solidariedade entre os moradores.



- Apresentação da atividade Calendário Sazonal da Comunidade do Escrivo.

Na capela de São Geraldo, a vida espiritual é intensa: toda segunda-feira acontece o terço dos homens; na quinta-feira, é a vez do terço das mulheres. A primeira sexta-feira de cada mês é dedicada ao culto do Apostolado da Oração, e na última quinta-feira realiza-se a adoração ao Santíssimo Sacramento.



- Procissão com a bandeira do Coração de Jesus na Festa de São Geraldo.

Além das atividades religiosas, a comunidade também promove momentos de cuidado com o corpo e convivência, como os encontros de ginástica às segundas e quartas-feiras.

Aos domingos, há o culto às três da tarde, acompanhado do catecismo das crianças. Em outubro, entre os dias 7 e 16, ocorre a tradicional Festa do Padroeiro São Geraldo, um dos eventos mais esperados do ano.

No campo da produção, o leite é retirado ao longo de todo o ano, garantindo também a fabricação de manteiga, queijo e outros derivados. As famílias mantêm viva a tradição das quitandas, produzindo rosquinhas, bolos e biscoitos para o consumo doméstico e, em alguns casos, para a venda. O cultivo de cana e milho é constante, enquanto a criação de animais inclui galinhas, porcos e patos. Entre as frutas, a colheita de laranjas se destaca, ocorrendo principalmente entre abril e junho.

Em outubro, além das celebrações religiosas, a comunidade se reúne para a Cavalgada, um momento de confraternização que reforça o espírito coletivo e as tradições rurais. Já em dezembro, o ciclo se encerra com a novena e as festas de Natal, quando as famílias se reúnem para agradecer o ano e partilhar alimentos típicos.

As perspectivas da comunidade refletem o desejo de manter vivas suas tradições enquanto as pessoas buscam novas formas de sustento. Entre os principais objetivos estão o aumento do rebanho bovino e da produção de eucalipto, além da ampliação das atividades ligadas à fabricação de quitandas e derivados do leite. Essas iniciativas visam fortalecer a economia local, gerar renda para as famílias e garantir a continuidade das práticas. ■



CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

